



***FLUXOS, POÉTICAS E (DES)CONTINUIDADES: UM TENSIONAR DA
HIERARQUIA EU/OUTRO EM PRODUÇÕES PÓS-CRÍTICAS SOBRE GÊNERO,
SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO***

***FLUJOS, POÉTICA Y (DE) CONTINUIDADES: UNA TENSION DE LA
JERARQUÍA UE / OTRAS EN PRODUCCIONES POST-CRÍTICAS SOBRE
GÉNERO, SEXUALIDAD Y EDUCACIÓN***

***FLOWS, POETICS AND (DE) CONTINUITIES: A TENSION OF ME / OTHER
HIERARCHY IN POST-CRITICAL PRODUCTIONS ON GENDER, SEXUALITY
AND EDUCATION***

Marlyson Junio Alvarenga Pereira¹

Fábio Pinto Gonçalves dos Reis²

Luiz Davi Mazzei³

RESUMO

Os percursos teóricos-metodológicos, suas rupturas, (des)continuidades e poéticas são trazidos, neste texto, ao nosso olhar. Pesquisas científicas, por vezes, preocupadas com os resultados de seus estudos terminam por deixar à sombra o percurso percorrido. Partindo das trajetórias trazidas por “pesquisadores-caminhantes”, buscamos discutir a importância dos aportes teórico-metodológicos nas pesquisas pós-críticas. Valendo-nos de um “mapa” construído nas/pelas pesquisas apresentadas no “I Seminário Integrador: Tecituras em redes de discussões e afetos: interfaces com as questões de gênero e sexualidade” ocorrido entre 23 e 25 de novembro de 2020, voltamos nosso olhar para alguns aspectos (territórios) que compuseram esse mapa: o olhar do outro, a dicotomia

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília – SP. Professor na Secretaria Estadual de Educação em Minas Gerais. Integrante do FESEX.

² Doutor em Educação pela USP. Professor Associado II do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Lavras e integrante do grupo FESEX.

³ Doutor em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Professor efetivo do Colégio Universitário Geraldo Reis, da Universidade Federal Fluminense.

eu-outro, as questões étnico-raciais, a medicalização dos corpos e da sexualidade, os artefatos culturais, os dispositivos que normatizam e permeiam as relações de saber-poder. De posse desse mapa, buscamos discutir a riqueza, a pluralidade e a beleza dos caminhos percorridos nas pesquisas pós-críticas, especialmente nas questões de gênero, sexualidade e educação.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologias. Pós-crítica. Gênero. Sexualidade. Educação.

RESUMEN

Los caminos teórico-metodológicos, sus rupturas, (dis) continuidades y poéticas son traídos, en este texto, a nuestra mirada. Las investigaciones científicas, a veces preocupadas por los resultados de sus estudios, terminan dejando el camino cubierto en la sombra. A partir de las trayectorias que traen los “investigadores-caminantes”, buscamos discutir la importancia de los aportes teóricos y metodológicos en la investigación poscrítica. Utilizando un “mapa” construido en / por la investigación presentada en el “1er Seminario Integrador: Tejiendo en redes de discusiones y afectos: interfaces con los temas de género y sexualidad” ocurrido entre el 23 y el 25 de noviembre de 2020, dirigimos nuestra mirada hacia algunos aspectos (territorios) que componen este mapa: la mirada del otro, la dicotomía entre yo y el otro, cuestiones étnico-raciales, la medicalización de los cuerpos y la sexualidad, los artefactos culturales, los dispositivos que estandarizan y permean las relaciones de conocimiento - poder. Con este mapa en mente, buscamos discutir la riqueza, pluralidad y belleza de los caminos tomados en la investigación poscrítica, especialmente en términos de género, sexualidad y educación.

PALABRAS-CLAVE: Metodologías. Postcrítico. Género. Sexualidad. Educación

ABSTRACT

Theoretical-methodological paths, their ruptures, (dis) continuities and poetics are brought, in this text, to our view. Scientific researches, sometimes concerned with the results of their studies, end up leaving the path covered by shades. Starting from the trajectories brought by “researchers-walkers”, we are looking for discuss the importance of theoretical and methodological contributions in post-critical research. Using a “map” built in / by the research presented in the “1st Seminar Integrator: Weaving in networks of discussions and affections: interfaces with the issues of gender and sexuality” that occurred between 23th and 25th November 2020, we turn our gaze for some aspects (territories) that composed this map: the look of the other, the dichotomy between me and the other, ethnic-racial issues, the medicalization of bodies and sexuality, cultural artifacts, the devices that standardize and permeate the relations of knowledge -power. With this map in mind, we seek to discuss the wealth, plurality and beauty of the paths taken in post-critical research, especially in terms of gender, sexuality and education.

KEY-WORDS: Methodologies. Post-critical. Genre. Sexuality. Education.

Contexto inicial: o dédalos e o labirinto

Para iniciarmos essa conversa tomaremos como empréstimo as alegorias ‘dédalos’ e ‘labirinto’ elaboradas por Tim Ingold, um antropólogo inglês com grande projeção na área, em artigo produzido no ano de 2015 e publicado pela *Revista Horizontes Antropológicos*. Segundo ele, a maioria de nós, “urbanitas disciplinados pela educação, as ruas não são um labirinto. Nós andamos por elas não pelo que revelam ao longo do caminho, mas porque elas nos permitem transitar apenas de um ponto a outro” (p. 21).

Apesar de, segundo o autor, o risco das pessoas se perderem na rua ser grande, simplesmente por não conhecerem plenamente o espaço geográfico, tampouco quando há desvio na rota premeditada, tal acontecimento acaba não implicando a sensação de descoberta pelo/a condutor/a, ou mesmo, aguçando a curiosidade para a exploração de novos caminhos. Pelo contrário, isso apenas indica um obstáculo para que àquele/a atinja sua meta previamente determinada, ou seja, o caminho que liga um ponto de partida a um destino. De igual modo, instaura-se uma frustração no/a motorista devido ao erro na trajetória, assim como, em razão do deslize em curvas erradas e entradas em becos sem saída.

Conforme o argumento de Ingold (2015), tecnicamente falando, o dédalo se difere “do labirinto por oferecer não um único caminho, mas múltiplas escolhas, entre as quais a opção é feita livremente mas que, em sua maioria, levam a algum lugar instigante e interessante” (p. 22). Trata-se, portanto, de diferenciar também o sentido de que algumas avenidas da cidade são flanqueadas por barreiras que obstruem e obscurecem qualquer visão que não seja a do caminho imediatamente à frente. “O dédalo, portanto, não nos abre o mundo como faz o labirinto. Pelo contrário: ele o fecha, amarra e prende seus detentos numa falsa antinomia entre liberdade e necessidade” (INGOLD, 2015, p. 22).

Mas, afinal, como essas metáforas têm relação com o fazer científico que pretendemos evidenciar aqui? Quais as interfaces possíveis? Pois bem, ao engendramos uma discussão relacionadas aos aportes teórico-metodológicos em trabalhos que tematizam corpo, gênero e sexualidade em uma perspectiva pós-crítica, sugerimos a reflexão sobre duas abordagens investigativas, quais sejam: as pesquisas-dédalos e as pesquisas-labirinto.

De um lado, o que estamos pressupondo é que nas pesquisas-dédalos, “a intenção antecipada é a causa, a ação, o efeito, o fim. E não obstante, o viajante intencionado, envolto no espaço de suas próprias deliberações, encontra-se ausente do mundo em si” (idem). Por outro, ao caminhar pelas pesquisas-labirinto o ato de reinventar e refazer escolhas epistêmicas é uma prerrogativa, ao passo que:

O caminho leva, e o caminhante deve ir para onde quer que ele o leve. Mas o caminho nem sempre é fácil de seguir. Como o caçador que persegue um animal ou um andarilho numa trilha, é importante manter os olhos abertos para sinais sutis – pegadas, pilhas de pedras, entalhes nos troncos das árvores – que indiquem o caminho adiante (INGOLG, 2015, p. 24).

O próprio fato de nos entregarmos à liberdade poética das alegorias para investirmos na criatividade acadêmica e cotejar como as pesquisas educacionais foram se constituindo ao longo do tempo, já denunciemos os descaminhos, as (des)continuidades e os fluxos que justificam a relevância desse artigo.

Desde o início da década de 1980, as abordagens qualitativas tornaram-se uma realidade no cenário acadêmico educacional brasileiro. Nesse contexto que também as múltiplas técnicas relativas à produção de material empírico para as investigações foram compartilhadas, socializadas e divulgadas por meio de livros e/ou artigos em periódicos especializados. Contudo, essas perspectivas se tornaram uma espécie de tendência ‘dédalos’ a ser utilizada pelas/os pesquisadoras/es, independente da especificidade dos temas abordados, seus contextos e filiações envolvidas. Ocorre que a centralidade do debate nos aspectos instrumentais de ‘coleta de dados’ igualmente fomentou um distanciamento entre o método e uma fundamentação teórica demarcada, efeitos da compreensão ‘dédalos’ de fazer pesquisa.

Em face disso, este artigo propõe uma reflexão apurada sobre a necessidade de entremearmos a dimensão metodológica a um aporte epistêmico explícito que, no nosso caso, é o referencial pós-crítico. Ao assumirmos essa teorização como esteio das discussões metodológicas, acabamos por rechaçar o caráter muitas vezes normativo (fechado-dédalos-protocolar) de parte das investigações desenvolvidas no âmbito educativo.

Essas interpretações sobre tais questões teórico-metodológicas emergiram e se desdobraram a partir das trocas e diálogos encetados no contexto da nossa participação no “I Seminário Integrador” que ocorreu nos dias 23, 24 e 25 de novembro de 2020,

cujo título foi “Tecituras em redes de discussões e afetos: interfaces com as questões de gênero e sexualidade”. O Seminário teve como propósito apresentar, debater e compartilhar conhecimentos sobre pesquisas e estudos acerca das temáticas envolvendo corpos, gêneros e sexualidades produzidos por onze grupos de pesquisa⁴ vinculados às diferentes instituições de Ensino Superior no Brasil. Simultaneamente, o referido encontro científico desdobrou-se em sete Eixos Temáticos nos quais pesquisadores e pesquisadoras puderam propor temas específicos de suas áreas de investigação. No nosso caso, fomos convidados a coordenar um dos Eixos e tivemos a possibilidade de construir coletivamente a temática que iríamos propor.

Em meio às inquietações acerca do mote, decidimos oferecer um Eixo com o título “Poéticas, descontinuidades e fluxos dos aportes teórico-metodológicos nas pesquisas pós-críticas em gênero, sexualidade e educação”, justamente para termos a oportunidade de discutir os diversos desenhos metodológicos que vêm sendo desenvolvidos em pesquisas educacionais pós-críticas.

Para atuar nas múltiplas linhas, conforme Lucas Barbosa (2017), implica saber executar articulações entre textos, saberes, imagens, enunciados, discursos e teorias, o que denota mergulhar em ‘labirintos’ de pesquisa subsidiados por bricolagens metodológicas (PARAISO, 2014). Para o autor, isso significa que devemos nos arriscar no sentido de “reinventar, misturar, reinterpretar e ressignificar metodologias, criando maneiras sempre autênticas de conduzir nossos trabalhos, tentando minimizar barreiras disciplinares historicamente impostas” (BARBOSA, 2017, p. 25). Ótica essa que tem pontos de intersecção com a propositura de Marlucy Paraíso (2014) em conduzir investigações pós-críticas poetizando, isto é, apaixonando-se “pela proposta e não tendo medo de rompimentos, rupturas, nem de manifestar na escrita a paixão, a inquietude, o desejo e a sede por criar interpretações novas” (p. 43).

Em face ao desafio colocado, retomamos a perspectiva das pesquisas-labirinto, tendo em vista que:

⁴ Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - Gese/FURG; Grupo de Pesquisa Relações entre Filosofia e Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade: a problemática da formação docente - Fesex/UFPA; Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero - GEPSEX/UFMS; Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade - GESED/UFJF; Experimentações: Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo, Subjetividade e Sexualidade na Educação Básica/UFPA; Grupo de Pesquisa Gênero, Corpo, Sexualidade e Educação - GPECS/FACED/UFU; Grupo de Estudos e Pesquisas Gênero e educação - Gepege/UFPA; IMPRESSÕES – Grupo de estudo em pesquisa em Desenvolvimento Profissional de professores – trabalho, narrativa e memória afetiva (linha de Vida de Mulheres e Docência Universitária nas ciências)/UESB; Grupo de Estudos das Pedagogias do Corpo e da Sexualidade -Gepecos/UEM; Laboratório de Estudos Queer – ConQueer/UFS; Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade/UESB.

[...] para a criança a caminho da escola, a rua é um labirinto. Como o escriba, copista ou desenhista cujos olhos ficam na ponta dos dedos, a criança segue, sempre curiosa, seu vai e vem, mas sem uma visão de comando ou vislumbre de um fim. O desafio consiste em não sair da trilha, e para isso ela precisa se manter alerta. Mas, quando crescemos, aprendemos a deixar de lado essas tolices de criança. O crocodilo devora o detetive, e a disciplina engole a curiosidade. Para recuperar o que foi perdido, temos que sair da cidade, caminhar pela mata, campos ou montanhas governados por forças ainda não disciplinadas (INGOLD, 2015, p. 26).

Diante desses (des)caminhos que dizem respeito aos pensares e fazeres pesquisados nos meandros dos labirintos pós-críticos, para participar do evento, os/as propositores/as tiveram de elaborar um vídeo de, no máximo, três minutos concernente ao seu tema investigativo e elaborar um resumo de até 150 palavras.

Sendo assim, o objetivo do nosso eixo foi analisar, discutir e debater os ‘aportes teórico-metodológicos’ em investigações que se debruçam sobre os labirintos de gênero, sexualidade e educação. A partir da dinamicidade dos fluxos, das poéticas e (des)continuidades, buscamos evidenciar e circunscrever os desafios de articularmos a teoria pós-crítica aos métodos de pesquisa existentes. Em nosso eixo, particularmente, tivemos a inscrição de sete trabalhos, cujas informações são retratadas na tabela abaixo:

Propositor/a	Universidades	Grupos de Pesquisa	Pesquisas apresentadas	Aportes trabalhados
Júlia de Castro Martins Ferreira Nogueira	Universidade Federal de Juiz de Fora	GEDED/UFJF	As potencialidades e os desafios do conceito de História em Michel Foucault para as relações de gênero no Ensino de História	- Conceito de História em M. Foucault; - Evidenciar as desigualdades de gênero no ensino
Cláudio Orlando Gamarano Cabral	Universidade Federal de Juiz de Fora	GEDED/UFJF	A Medicalização da homossexualidade	- Medicalização da sexualidade; - Produção de subjetividades
Aline Guerra da Costa	Universidade Federal de Lavras	FESEX/UFLA	Experiências Congadeiras: a decolonialidade nas práticas de pesquisa em Lambari/MG	- Decolonidade; - Desafios e possibilidades das pesquisas com grupos culturais específicos
Luciana	Universidade	GESE/FURG	O dispositivo da família e a constituição de subjetividades em	- Conceito de dispositivo de família;

Kornatzki	Federal do Rio Grande		famílias homoparentais: elementos teórico-metodológicos da pesquisa	- Rastreamentos genealógicos
Breno Alvarenga Almeida	Universidade Federal de Lavras	FESEX/UFLA	Um mergulho nas poéticas das infâncias: percursos e percalços metodológicos da pesquisa com crianças	- Pesquisa 'com' crianças e não 'sobre' crianças; - Sociologia da infância
Ana Cristina Ferreira dos Santos	Universidade Federal de Juiz de Fora	GESED/UFJF	Gênero e sexualidade na rede municipal de Juiz de Fora	- Gênero e sexualidade na formação docente
Lucas Alves Lima Barbosa	Universidade Federal de Lavras	FESEX/UFLA	Identidades e representações de corpos femininos e masculinos no meio humorístico: problematizações a partir das teorizações pós-críticas	- Devir-dissertação; - Artefatos culturais; - Identidades, gênero, corporeidades

Tabela: elaborada pelos autores

Com essa propositura, pretendeu-se que as/os pesquisadoras/es apresentassem seus trabalhos revelando os temas em voga, os conceitos utilizados, as epistemologias, os labirintos empreendidos, bem como suas linhas de fuga⁵. Tais exposições permitiram trazer à tona muitas das ressignificações metodológicas enveredadas nos contextos das pesquisas, além das (des)construções necessárias e (re)invenções possíveis em rotas outras de produção e criação.

Nesta direção, o artigo em questão busca interpretar e perscrutar as temáticas recorrentes, ao mesmo tempo singulares, que atravessaram as pesquisas apresentadas no eixo supramencionado. Para tanto, utilizaremos a análise temático-discursiva na qual o/a pesquisador/a realiza uma imersão nos materiais empíricos para familiarização com as possíveis unidades discursivas em profundidade e amplitude. Imersão essa que significa realizarmos leitura minuciosa dos textos, ou seja, trata-se de uma apreciação ativa que busca por significados, singularidades, enunciados, recorrências, mas também, por

⁵ São as linhas de desterritorialização de um terreno que fogem sem parar de todo endurecimento, provocado pelas binaridades do sistema, que provocam experimentações. É a abertura ao acaso. Dessa forma, o fugir dessas linhas não é o fugir de alguma coisa, é fazer fugir “como se estoura um cano, e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de se endurecer para vedar as linhas de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 72). Essa imagem do cano que estoura ajuda-nos a pensar em microfissuras, ou até mesmo em grandes rompimentos e é nesses entre-lugares que essas linhas de fuga habitam. Leva-nos a pensar que, mesmo a segmentaridade mais dura é passada rizomaticamente por essas linhas; “há a imanência mútua das linhas. Tampouco é fácil desenredá-las” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 72). Assim, há possibilidades de rompimentos, a partir de todos os lugares, como também de endurecimento. A desterritorialização é seguida de uma reterritorialização. Se muda, não se extingue.

produzir novos olhares e ressignificar o aparente, o dado. É ideal começar por uma análise completa do material pelo menos uma vez antes da constituição das unidades temático-discursivas. O valor da leitura e releitura como parte da aproximação com o material também gera novas ideias e a identificação de enunciados que vão emergindo à medida que o contato com o material acontece (SOUZA, 2019). Para a autora, os temas evocados fazem parte das bases discursivas dos sujeitos que ora se reafirmam, ora se apresentam em disputa (resumos de domínios, ou seja, síntese de tudo o que os/as participantes escreveram ou discursaram sobre um tópico-conceito específico).

Para o processo de análise do material empírico, em nosso caso os vídeos, as apresentações e os resumos produzidos, amparamo-nos no conceito de problematização. De acordo com Tatiane Resende (2018), problematizar é um gesto inquiridor e inspirador, segundo o qual Michel Foucault utilizou como base epistemológica de todo o seu trabalho intelectual. Convém ressaltar que esse gesto analítico, associado a outros contornos e traçados, forneceu-nos o embasamento para a identificação de construções subjetivas, a partir das experiências relatadas pelos/as propositores/as no momento de exposição das pesquisas no Eixo, pois a linguagem vai além do texto. Complementa Resende (2018) que a problematização deve ser considerada um gesto investigativo, mais do que uma “metodologia, por tratar-se de uma estratégia diante do objeto de pesquisa, a fim de promover um real exercício do pensamento e não apenas estipular um conjunto de regras procedimentais capazes de conduzir o/a pesquisador/a a uma verdade” (p. 33).

Tomada como oposição à metodologia, a problematização não é um conjunto de regras diretivas do pesquisar, mas um ato que direciona o pensamento (RESENDE, 2018). Inserir-la neste artigo implicou assumirmos o caráter político daquilo que fizemos, pois “cada pequeno gesto analítico pode ser considerado um acontecimento de proporções incomensuráveis no campo social” (RESENDE, 2018, p. 34). Em última análise, a autora conclui que problematizar é se colocar em uma constante atitude de suspeição, desnaturalizando o óbvio, colocando em cheque as certezas, as evidências e as verdades absolutas.

Pois bem, após contextualizarmos o surgimento, a iniciativa do Seminário, a propositura e o desenvolvimento do nosso Eixo Temático, na próxima seção mapearemos de modo sucinto o conteúdo dos trabalhos submetidos e apresentados no respectivo encontro.

Mapeando, (re)conhecendo e burilando os trabalhos: o Eixo Temático.

O Eixo Temático em questão aconteceu virtualmente no dia 25 de novembro às 19h, sendo que inicialmente permitimos uma breve exposição dos trabalhos pelos/as autores/as com a finalidade de que algum aspecto não mencionado no vídeo pudesse ser apontado, ampliado e/ou esclarecido. Optamos por organizar as apresentações em blocos de três, visando potencializar as discussões em grupo. Cabe acrescentar que, além dos sete trabalhos inscritos e problematizados, tivemos a participação de 15 ouvintes que, vale dizer, trouxeram reflexões interessantes e pertinentes no âmbito das interações estabelecidas.

Dessa forma, seguimos com as exposições e o primeiro a relatar sua pesquisa de doutorado foi Claudio Orlando Cabral, cujo título do trabalho foi “A Medicalização da homossexualidade”. O autor teve como objetivo principal problematizar os discursos que medicalizam a homossexualidade e como esses sujeitos são subjetivados a partir disso. Para tanto, utilizou-se de aportes teóricos pós-estruturalistas, de gênero, dos estudos culturais, os *queer*⁶ e das diferenças, com destaque para o pensamento foucaultiano que o inspirou a pensar a medicalização como um processo político longo, contínuo e indefinido que vem submetendo corpos, condutas e comportamentos desde o século XIX. Segundo ele, o aporte teórico-metodológico proposto em sua pesquisa contraria o discurso medicalizante que se restringe ao sujeito (que deve ser individualmente tratado e corrigido), razão pela qual levou a discussão para o campo social e cultural segundo os quais as subjetividades são produzidas.

Doravante, Luciana Kornatzki expôs a pesquisa intitulada “O dispositivo da família e a constituição de subjetividades em famílias homoparentais: elementos

⁶ “O sociólogo Richard Miskolci (2012, p. 22), ao se questionar sobre a origem do *Queer*, evidencia que esse termo teria se cristalizado como conhecemos hoje “na segunda metade da década de 1980”, nos Estados Unidos da América. O sociólogo considerou que, na sociedade estadunidense, houve uma recusa em lidar com a epidemia da Aids, fato reforçado por um forte moralismo incentivado pelo conservador governo de Ronald Reagan. Uma doença que poderia ter sido associada a uma DST (hoje chamada de IST - infecção sexualmente transmissível “ou pensada como a hepatite B” (MISKOLCI, 2012, p. 22), pois se trata de uma doença viral, que foi ligada às infecções transmitidas por contato sexual, preferencialmente. Essa recusa em tomar providências por parte do governo estadunidense levou o movimento social a se radicalizar. “A aids, portanto, foi um catalisador biopolítico que gerou formas de resistência mais astutas e radicais” (Idem), por exemplo, com a criação da *Queer Nation* e da ACT UP (MISKOLCI, 2012). Portanto, da nação de anormais, de esquisitos, de estranhos é de onde veio o nome da teoria *queer*, posteriormente (MISKOLCI, 2012). O nome nasceu da rejeição, da injúria, da humilhação, pois o *queer*, em inglês, é um xingamento. Emergiu o *queer*, “como reação e resistência a um novo modelo biopolítico instaurado pela aids” (MISKOLCI, 2012, p. 24). Ou ainda, “é como te chamam quando querem te zoar na escola” (PELÚCIO, 2014, s.p)” o que reforça o caráter de xingamento e sua capacidade de potencializar positivamente a injúria, a humilhação (PEREIRA, 2020, p. 83).

teórico-metodológicos da pesquisa” na qual buscou discutir a produção da família na atualidade como um dispositivo que viabiliza a emergência da homoparentalidade e atua na constituição de subjetividades de famílias homoparentais.

Conforme a autora, o corpus discursivo foi constituído por entrevistas com famílias homoparentais, documentos legais em torno da união civil homossexual e do conceito de família, bem como de pesquisas científicas sobre homoparentalidade por meio de pesquisa bibliográfica. A análise foi produzida por um rastreamento genealógico e pelo conceito de dispositivo como ferramentas teóricas e analíticas. Para a autora, foi possível compreender uma atualização do dispositivo de família, por meio de mudança jurídica do conceito da mesma, o reconhecimento da união homoconjugal e a emergência da homoparentalidade.

Outra proposta apresentada abordou “As potencialidades e os desafios do conceito de História em Michel Foucault para as relações de gênero no Ensino de História” e teve Júlia de Castro Martins Ferreira Nogueira como proponente. Conforme a autora, a pesquisa centrou-se na investigação da construção e do uso do conceito de História na trajetória de Michel Foucault. A partir disso, ela advoga que a compreensão dos conceitos de verdade, conhecimento e sujeito são ampliados, possibilitando, assim, um ensino de História que incorpore temáticas e sujeitos pouco presentes na sala de aula, dentre os quais destacam-se, por exemplo, a história das mulheres e das relações de gênero. Por intermédio de uma pesquisa bibliográfica a autora identificou alguns trabalhos realizados no campo da História e da Educação que utilizaram a mencionada perspectiva foucaultiana.

Já o trabalho “Experiências Congadeiras: a decolonialidade nas práticas de pesquisa em Lambari/MG” produzido por Aline Guerra da Costa, acabou nos lançando o desafio de refletirmos sobre como podemos pesquisar identidades e subjetividades de pessoas cujo ambiente social a/o pesquisadora/or não faz parte. Sendo assim, a autora buscou demonstrar quais os caminhos metodológicos adotados em uma pesquisa qualitativa sobre a Congada de Lambari/MG e a formação das identidades, diferenças e saberes das/os integrantes da referida manifestação cultural. Ao questionar as relações de poder envolvidas na Congada, assim como na comunicação entre pesquisadora e depoentes, ela se apropriou de metodologias que se adequavam às especificidades da pesquisa. A partir das “experiências congadeiras” foi possível colocar em suspeição o seu lugar habitual de pesquisadora ao utilizar-se de uma estratégia decolonial com a

finalidade de borrar as fronteiras identitárias e expandir a apropriação de saberes congadeiros/as, tão importantes quanto potentes.

No que tange aos enfrentamentos das investigações envolvendo as infâncias, tivemos o trabalho “Um mergulho nas poéticas das infâncias: percursos e percalços metodológicos da pesquisa com crianças” de Breno Alvarenga Almeida. Conforme o autor, o objetivo de sua dissertação foi investigar se as experiências estéticas permitem a problematização de questões relacionadas à produção das identidades e das diferenças no contexto da Educação Infantil. Para tanto, ele teve de mergulhar nos referenciais pós-estruturalistas, nas pedagogias e sociologia das infâncias, a fim de problematizar as falas de crianças a partir do seu contato com as artes.

O autor ressaltou que realizar pesquisas com crianças é fazê-las com as crianças e não sobre elas, trazendo à lume os desafios referentes a participação do/a pesquisador/a em campo. Emergiram desse processo questionamentos fundamentais que foram debatidos ao longo da sua apresentação, quais sejam: como deixar de ser um corpo estranho naquele espaço? Como proporcionar espaços-tempos em que as crianças tenham vez e voz? Como fazer esse exercício de escuta? Assim, o material evidenciou a necessidade de um olhar político para o campo das metodologias de pesquisas com crianças, visto a urgência de conhecermos as culturas das infâncias a partir de suas vozes, expressões e gestualidades.

Ainda na esteira do debate teórico-metodológico, Ana Cristina Ferreira dos Santos apresentou sua pesquisa sobre “Gênero e sexualidade na rede municipal de Juiz de Fora” e nos relatou as dificuldades e os preconceitos enfrentados em relação aos temas abordados. A sua dissertação se assentou no referencial pós-estruturalista, que foi tomado como inspiração para pensar as possíveis interfaces entre as relações de gênero, sexualidade e a formação docente.

Nesse contexto a autora denunciou que alguns grupos sociais mais conservadores da cidade criaram barreiras no desenvolvimento da investigação e, posteriormente, na própria publicação do material no formato de livro. De igual modo ela afirmou que sentiu vorazmente as questões relacionadas ao racismo e a homofobia por meio desta experiência, chegando a ser constrangida e reprimida pelos olhares acusatórios e a postura discriminatória das pessoas.

Por fim, Lucas Alves Lima Barbosa trabalhou com um material decorrente da sua dissertação, cujas temáticas aprofundadas foram questões concernentes às “Identidades e representações de corpos femininos e masculinos no meio humorístico:

problematizações a partir das teorizações pós-críticas”. A presente pesquisa objetivou tecer uma cartografia das identidades e processos de produção discursiva dos sujeitos sexuados difundidos no meio humorístico. O material empírico foi composto por charges, cartuns e tirinhas que possibilitaram uma rica problematização sobre aspectos referentes às masculinidades e feminilidades, visto que essas marcas estão por toda parte.

O autor revelou que nas análises suscitadas pelos textos culturais em contato com o referencial pós-crítico, a questão das corporeidades ganhou destaque. Ele observou que certas representações corporais generificadas produzem e são produzidas por uma lógica dicotômica e arbitrária que caracteriza, rotula, marca, cuida, julga e confere sentidos aos nossos corpos a partir da delimitação de gênero. Nessa perspectiva, os artefatos culturais problematizados foram compreendidos no vasto campo da pluridiscursividade, das relações entre saber-poder-verdade e da fabricação de significados sobre mulheres e homens.

Depois de mapeados e burilados os trabalhos do Eixo, a partir da próxima seção, em um processo de interpretação das unidades temático-discursivas, empenharemos nossos esforços em construir sentidos sobre o emaranhado de enunciados que aqui brotaram e se distribuíram no conjunto de textos sistematizados. Faz-se necessário deixar claro que construir tais unidades a partir da diversidade e das singularidades “não significa uma estratégia de simplificação ou redução, mas sim um princípio de organização que nos permite multiplicar as possibilidades de questionamentos” (FISHER, 2001, p. 203).

Posto isso, ao realizarmos as leituras e as releituras detidamente dos materiais que compuseram o Eixo, identificamos alguns elementos comuns entre as enunciações, o que resultou nas seções que se sucedem, com destaque para o que nomeamos de relação Eu-Outro/a.

A relação Eu-Outro/a nas pesquisas apresentadas: percursos e percalços em corpos, gêneros e sexualidades

Durante as apresentações das/os participantes algumas questões iam perpassando e nos produzindo um incômodo. Destas, a primeira questão que surge e que se repete em alguns trabalhos refere-se ao olhar do outro: um olhar de reprovação, que aparece como uma pergunta no trabalho de Aline Guerra da Costa, ao narrar os desafios das

aproximações com o seu campo. Mas este tema está presente também em várias outras investigações, tais como na desenvolvida por Breno Almeida ao relatar os imperativos das pesquisas com crianças e a de Cláudio Cabral, que retrata a construção da homossexualidade a partir da visão do outro, neste caso, a medicina. Ou ainda, de Ana Cristina Santos que traz este olhar inquisidor do outro sobre sua figura. O que nos leva a pensar o mundo, como se este fosse dividido entre eu e o outro, no qual o segundo estivesse à sombra do primeiro. Em última análise, o outro é visto por meio deste eu fundante, constituinte da realidade.

Na tradição filosófica ocidental, inaugurada por Platão, a dicotomia mundo sensível *versus* mundo das ideias instaura o conhecimento como sendo possível apenas “no inteligível, nas essências, nas ideias”, segundo apontou Roberto Machado (2009, p. 41). Assim, os saberes do sensível, do corpo, da natureza serão desqualificados nesta dicotomia. Para Platão, só existe conhecimento no mundo das ideias, o que ele considerou como o verdadeiro conhecimento. Esta tradição será retomada por René Descartes, no período moderno, quando o filósofo instaura um método⁷ em quatro etapas, ou procedimentos, para se alcançar o “verdadeiro” conhecimento. Tal metodologia teve a sua gênese, no caminho traçado por Descartes para se abarcar “todas as dimensões do humano”, conforme sinalizado por Sônia Clareto e Marta Oliveira (2013, p. 146).

Decerto, há um conhecimento a ser alcançado que deve ser construído, pensando nas etapas cartesianas, por esse eu pensante, por esta razão definidora. O pensamento que o filósofo da modernidade afirma, ou reafirma, tem por bases o dualismo vindo de Platão. Este, instala a concepção dual “de mundo, de conhecimento, da vida e do humano” (CLARETO; OLIVEIRA, 2013, p. 146). Será este eu, esta razão que transformará a pluralidade do mundo, da natureza em unidade para si.

Ao retomar Platão perceberemos que o conhecimento para este filósofo é sempre reconhecimento, afinal, este provém do mundo das ideias, das essências. Há um conhecimento previamente estabelecido, colocado e determinado, o qual devemos

⁷ O método seguro estabelecido por René Descartes consta de quatro procedimentos seguros para se alcançar a verdade: a evidência, o primeiro, é estabelecer apenas aquilo que se mostra como uma ideia clara e distinta. Seguidamente, vem a análise, onde você deve dividir cada obstáculo, dificuldade, em parcelas menores, para que assim possa resolvê-las em partes. Na sequência, põe-se a ordem, que deve colocar seus pensamentos em sequência, do mais simples ao mais complexo e pôr fim, a enumeração, aqui deveremos fazer revisões para ver se nada foi omitido, se nenhum aspecto do problema foi esquecido. (ARANHA; MARTINS, 2016, p. 122)

alcançar. Portanto, conhecer será sempre da ordem do “re-conhecer” (CLARETO; OLIVEIRA, 2013, p. 147), razão pela qual devemos adquirir a verdade.

Buscamos pensar, portanto, este olhar inquisidor, de recusa, como narrado nas apresentações em nosso Eixo Temático, com base na perspectiva deste re-conhecimento. Há sempre algo a se reconhecer a partir de uma matriz, a qual, será sempre o eu. O eu fundante, ou a norma que, segundo Michel Foucault (1988), estabelece o conhecimento que é válido e o que não é. Esta, estabelece o que, onde e como devemos ser. Deste modo, há uma verdade previamente pensada que pautará nossas visões sobre o mundo e sobre o que entendemos ser o mundo. O outro será pensado, concebido dentro desta visão: será a modernidade europeia a criar um outro, bárbaro, não civilizado, tendo como ponto de partida o estabelecimento do civilizado. Ou ainda, a medicina fazendo a gênese de um sujeito perverso em sua constituição (FOUCAULT, 1988) ao produzir o outro, o menor, o estranho.

Isso nos ajuda a pensar em como nossa tradição filosófica e científica pauta as próprias visões por intermédio do eu, em detrimento do outro. Da unidade sobre a pluralidade, onde, este olhar inquisidor é uma tentativa de unificar aquilo que não é considerado/estabelecido como norma. Produz-se a reprovação das condutas não normativas já colocadas no arcabouço epistêmico do que seja o sujeito e o seu contrário. Pois, não ser sujeito nesta sociedade da razão, não ser reconhecido nesta subjetividade, implica sua destruição. Aqui, dialogamos com Judith Butler (1994), quando ela pensa a categoria do abjeto, e este é justamente o não sujeito, o que não ocupa uma categoria cognoscível na moderna razão ocidental. Portanto, o incognoscível é posto ocupando uma religião não normativa, uma cor de pele não estabelecida, uma sexualidade, uma identidade marginal, um gênero incorreto, um lugar geopolítico errôneo.

Sobre este ideal eu-outro, sujeito-abjeto, homem-mulher, branco-preto, razão-opinião, podemos pensá-los com base no que Foucault (2009) denominou por disciplinamento dos corpos, das condutas. Assim, retomamos o trabalho de Ana Cristina Santos, quando a autora nos relatou sobre o olhar inquisitivo que recebeu ao sair do cinema com uma amiga. Ambas notaram que algumas pessoas passavam por elas e as questionavam com seus olhares, ao ponto de pensarem se estavam mal vestidas, até que entenderam que se tratava de uma reprovação, por serem duas mulheres andando juntas, o que levantava a suspeita de uma suposta lesbianidade. Portanto, este olhar disciplinador define o eu sujeito por sobre o outro, o abjeto.

Segundo Foucault (1988), houve a criação de uma normativa discursiva em torno do sexo. Judith Butler (2003), algumas décadas depois, inspirada nesse autor, entre outras/os, propôs o que ela denomina de “matriz heterossexual”, na qual há uma pressuposição naturalizada de que a genitália já “fala” de gênero, de forma que sexo genital já é percebido como gênero social. Logo, o sexo “normal” estaria de acordo com o gênero “natural” designado ao nascimento. Pênis e vagina precisam corresponder respectivamente ao homem e à mulher, ao masculino e ao feminino (BUTLER, 2003), em um percurso coerente e sem fissuras que apontaria para a heterossexualidade. Ao não cumprimento das regras, que designam uma verdade sobre o sexo (FOUCAULT, 1988), violências poderão produzir-se com pessoas que não se adequam à essa ordem. De uma única forma, de um único jeito, repetindo até se tornar verdade o binarismo de gênero. Essa norma instituiu-se no que Foucault (1980) vai nomear como a criação de um verdadeiro sexo.

Apresentou-nos Foucault (1980) que o ocidente se obstinou a responder afirmativamente à questão se precisávamos de um verdadeiro sexo. Devíamos encontrar a verdade sobre o sexo, que seria classificado e estabelecido, assim, haveria de ser determinado o sexo correto e aquelas outras sexualidades desviantes, monstruosas.

Foucault (1980) escreve o prefácio sobre as memórias de um hermafrodita, Herculine Barbin. Criada/o em um internato para moças como Alexina, ele/ela vivera no anonimato de sua dualidade sexual até por volta dos seus vinte anos. Quando essa/e, “após uma série de confissões a padres e médicos, foi legalmente obrigada/o a mudar seu sexo para ‘masculino’” (BUTLER, 2003, p. 140), Foucault (1980) refletirá que em “um processo jurídico e uma modificação do seu estado civil, ela foi incapaz de se adaptar à sua nova identidade e acabou suicidando-se” (p. 86). Alexina ou Herculine foi enquadrado/a na verdade da norma, que, a partir daquele momento, o certo, o verdadeiro e o periférico nasciam nos manuais de medicina da época. A história de Herculine Barbin nos leva a pensar em muitos que sofreram o peso da “adequação”, desses e dessas que, em vista de um discurso, pagaram por serem diferentes. O monstruoso que o século XIX quer silenciar são esses que não correspondem ao casal malthusiano. Ao matrimônio pro-criativo, a verdade corresponde, os outros, perversos em suas constituições, à ilegitimidade, à doença, à exclusão, ao abandono, ao silenciamento.

Foucault (1988) ainda ressalta que, no século XIX, criam-se discursos que inventam sujeitos, ao mesmo tempo em que elaboram-se o centro, sua sexualidade

matrimonial, as periferias e suas anormalidades aberrativas sexuais. Com a institucionalização da verdade sobre o sexo, estabelecem-se as punições ao outro sexo, ilegítimo. É pensada a sexualidade, inscrevendo-se como verdadeira aos corpos, tornando-os legítimos e ilegítimos à medida que instituem um discurso para afirmá-los. Portanto, essa verdade sobre o sexo somente fará sentido dentro de um discurso que se legitima nas relações de poder.

Engalfinhados por esses vetores de força, destaca-se também o conceito de dispositivo, recorrente na obra de Foucault, que serviu tanto como aporte teórico-metodológico quanto de suporte para as interpretações produzidas no trabalho da pesquisadora Luciana Kornatzki (2019). Ocorre que a autora se vale do conceito de dispositivo de família para analisar a constituição de subjetividades em uniões homoparentais, no contexto de sua tese de doutorado. Nesse sentido, Foucault (2001), ressalta que:

[...] dispositivo é um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (p. 244).

Dispositivo, nessa perspectiva, entremeia-se em todas as relações de poder sobre aquilo que é explicitamente mostrado, dito, apontado, como também o que é sonogado, silenciado, escondido. Outro aspecto relevante na compreensão foucaultiana é que devemos considerá-lo (leia-se dispositivo) imerso e integrado às malhas de força que determinam a verdade sobre as coisas e os sujeitos. Para ratificar isso, Foucault (2001, p. 247) diz que “o dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam”. Logo, pressupõe-se que os dispositivos podem ser considerados ferramentas analíticas que abrangem os aspectos discursivos e não discursivos atravessados pelas relações de saber-poder, bem como constituem os modos de subjetivação.

Ao tratar de família enquanto dispositivo, Luciana Kornatzki (2019) extrapola o conceito tradicional de família e não apenas volta nosso olhar para as relações de poder que instituem aquilo que entendemos por esta instituição. Ao mesmo tempo, a autora

coloca em cheque o próprio conceito fundante de família por meio do debate envolvendo os elementos constituintes que nos permitem reconhecer o que a constitui. No limite, as análises teórico-metodológicas que trazem como ferramenta analítica o arcabouço pós-crítico produzem, dessa maneira, percepções subterrâneas nas quais não apenas discute-se o conceito, mas também se problematiza os seus elementos constitutivos. Isto é, os saberes que a ele estão associados, as relações de poder (explícitas ou não) inerentes e as formas de subjetivação que são (ou não) autorizadas a partir dessas relações.

Deste modo pensaremos no tópico a seguir as aproximações eu-outro no campo e as categorias analíticas surgidas desde aí. Serão problematizados os fluxos e as (des)continuidades, bem como, a relação pesquisadora/or neste emaranhado.

Distanciamentos e aproximações entre o Eu-Outro/a em pesquisas pós-críticas: identidade/diferença, adulto/criança e corpo/cultura.

Dando continuidade ao debate, mas agora refletindo sobre as categorias étnico-racial e de religiosidade, Aline Guerra da Costa e Fábio Reis (2020) revelam os obstáculos encetados pela aproximação de “lugares” não conhecidos (neste caso, o grupo de Congada em Lambari) em processos envolvendo pesquisas de campo, sejam eles espaços físicos, pessoas, teorias, modos de fala, de cantos ou danças. Na experiência investigativa da/o autora/or, o desafio da relação eu/outro tornou-se latente no contexto das questões concernentes ao pertencimento identitário, conforme o depoimento abaixo:

Uma grata coincidência ocorreu no percurso da pesquisa que me ajudou muito nesse processo de ‘embarcar para outros mares’, ou seja, a criação de um grupo de Maracatu na cidade e minha inserção nessa prática social como integrante, não como pesquisadora. Vale mencionar que muitos das/os participantes desse grupo são congadeiras/os, posto que esse fato permitiu-me aproximar das pessoas de forma mais descontraída, além de possibilitar conhecer mais intimamente suas respectivas visões de mundo. Do mesmo modo, todos/as também passaram a me conhecer melhor, assim, criamos laços de amizade e confiança. Viver a experiência (no sentido de Larrosa) de compor um grupo de manifestação cultural afro-brasileira me trouxe aprendizagens importantes que me aproximaram visceralmente dos sujeitos que pretendia pesquisar.

Aprender a tocar, afinar e construir os instrumentos, vivenciar o sentimento de ser parte de um coletivo e perceber sua importância/responsabilidade para selecionar as músicas, coreografias e participar dos processos decisórios coletivos com relação a custos de

roupas e instrumentos, além de sair em cortejo pela cidade e observar os olhares de alegria e de reprovação – tudo isso me aproximou das pessoas e da realidade vivida por um grupo de cultura popular em Lambari (COSTA; REIS, 2020, p. 224).

É interessante notar as dificuldades enfrentadas pela pesquisadora para se tornar parte do grupo de congadeiros e congadeiras, pois tratava-se de uma imersão nos baldrames das identidades/diferenças, uma vez que as relações entre eu-outro se encontram sempre em fluxos, (des)continuidades e transformações. Essa questão se tornou relevante à medida que permitiu o acesso (ou não) da Aline Costa às informações mais subterrâneas pertencentes aos sujeitos envolvidos. Mais do que isso, tal sensibilidade epistêmica implicou em conceber que:

[...] o outro não é inexistente e estrangeiro, distante de nós e daquilo que constitui nosso mundo. O que a alteridade diz é que o outro existe e está no nosso mundo, como nós estamos no dele. É esse encontro que nos desafia e exige nossa definição. O eu e o outro, enquanto nós, é parte de um contexto relacional marcado, antes de mais nada, por relações de hierarquia e poder (GUSMÃO, 2000, p. 10).

Em uma perspectiva pós-crítica, Tomaz Tadeu da Silva (2009) compreende essa tensão entre eu/outro a partir dos vetores de força que produzem as identidades e as diferenças. A identidade, para o autor, consiste em um olhar para si objetivando entender aquilo que se é e a diferença aquilo que o outro é (ou o que não se é), razão pela qual tais termos são indissociáveis. Em seus estudos, esclarece que a identidade “não é uma essência, muito menos um fato acabado. Assim como a diferença, a identidade é um produto da linguagem” (SILVA, 2000, p. 100).

Especificamente em relação ao campo de disputa das identidades e diferenças religiosas, nos vários depoimentos colhidos por Aline Guerra da Costa et al (2020b) ficou evidente para o grupo de congadeiras/os que, por exemplo, falar em “macumba”, umbanda e espiritismo era um tabu, mas nem por isso a influência das religiões afrodescendentes deixou de existir naquele contexto. Logo, além de se integrar a sua comunidade investigativa enquanto forasteira que era, a autora também encontrou o obstáculo no que se refere a alguns temas “proibidos” de serem abordados.

No caminhar de sua pesquisa, depois de estabelecer uma relação de confiança com Aline Costa, quase que um laço de ancestralidade, um dos depoentes declarou existir muitas pessoas que seguiam religiões diferentes da católica, mas que geralmente

não se manifestavam quanto ao assunto. Os/as mais receosos/as em se assumir eram os/as espíritas e umbandistas, uma vez que sabiam do preconceito existente, mas no particular, em sua intimidade, praticavam suas crenças, porém nas festas, posicionavam-se enquanto católicos/as.

Esta mencionada experiência ancestral-metodológica, também foi ressignificada pela autora quando do seu ingresso em um grupo de Maracatu da cidade de Lambari/MG. Tão logo, a pesquisadora descobriu que muitos sujeitos da sua investigação, pertencentes a comunidade de congadeiros e congadeiras, também integravam e praticavam essa manifestação cultural. Ela relata que esse encontro circunstancial foi fundamental para se aproximar das pessoas e constituir legítimas redes de amizade, convivência e afeto, bem como, para avançar com as entrevistas no desenvolvimento do mestrado. Contudo, os marcos das interações sociais inusitadas se tornaram a energia vital para produção de outras subjetividades como pessoa, docente e pesquisadora. Nessa direção, ela revela que:

Viver a experiência dos pés no chão, das mãos no tambor e da voz cantante em som uníssono juntamente com um coletivo de pessoas negras me possibilitou, enquanto pesquisadora-professora, sair desse lugar-comum, muitas vezes colonizado da/pela docência, que implica apenas em depositar informações na cabeça dos jovens ou cumprir burocraticamente planejamentos genéricos e verticalizados. Viver essas experiências congadeiras tornou-me, ao menos em tese, parte de uma comunidade (não só a escolar) na qual os valores da ancestralidade, das interações intergeracionais e dos processos identitários são fundamentais para inventarmos novas formas de existência (COSTA; REIS, 2020a, p. 225).

Apesar dos esforços e das conquistas em termos acadêmicos, experienciais e formativos, Aline Costa et al (2020a) revela que a sensação de forasteira ainda permaneceu ao final da dissertação, pois, segundo ela:

Embora ser filha de pai negro, minha mãe é bem branca e a combinação branqueou bastante minha pele e, por isso, nunca vivi a experiência do racismo da forma crua e cotidiana como as pessoas negras retintas. Além disso, sou filha da classe média, de pais pobres, do bairro Marechal Hermes, subúrbio carioca, descendentes de nordestinos e que ascenderam socialmente: seu Jair se fez médico e dona Cely, jornalista, podendo assim me dar condição financeira e social bem diferente da que tiveram. Nesse sentido, não sei e nunca saberei, de fato, o que é a experiência de ser pobre, negra, da periferia (p. 72).

Ao enfatizar as condições sociais que constituem os grupos, Mariane Natividade (2020) aponta a importância de valorizarmos a diversidade das experiências e abandonar a visão universal. Destarte, a autora assinala que uma mulher negra, devido a sua localização social, terá vivências distintas de uma mulher branca, ou mesmo, de outra mulher negra que vive em outras condições de acesso aos bens simbólicos e materiais. Logo, categorias como raça, gênero, sexualidade e classe precisam ser pensadas como constituintes de grupos e não apenas de indivíduos isolados. Desta forma, é fundamental “compreender como esses grupos estão localizados nas relações de poder, uma vez que é a partir delas que o falar deixa de ser um amontoado de palavras e ganha a propriedade de garantir ou não a existência” (NATIVIDADE, 2020, p. 28). Portanto, o lugar de fala é pensado como uma forma de refutar as hierarquias tradicionais, dando visibilidade para grupos menos favorecidos.

Nas searas acadêmicas, além das comunidades e populações negras subalternizadas, esquecidas e subjugadas, por sua vez, temos um grupo etário-generacional específico que similarmente sofreu com o apagamento e ainda resiste a esta condição. O reconhecimento tardio das crianças como sujeitos históricos e de direitos incidiu, entre outras coisas, sobre os modos de se fazer pesquisa. Foi somente a partir da década de 1980 que houve um crescente interesse em investigar as expressões e linguagens dos pequenos (ALMEIDA, 2020). Acontece que, para o autor, comumente as pesquisas eram feitas a partir de um olhar adulto para com as crianças, sobre elas e não com elas, o que as sufocava, silenciava. “Em contrapartida, pensar nas propostas de intervenção na quais os pequenos sejam participantes efetivos é desafiador, uma vez que devemos assumir um papel brincante e colaborativo nesse processo” (ALMEIDA, 2020, p. 43). A ideia é borrar as fronteiras adulto-criança (eu-outro) decorrentes das interações no processo investigativo, quase sempre impregnadas por uma visão adultocêntrica, que inferioriza e pormenoriza as culturas infantis.

No caso da dissertação de Breno Almeida (2020), o autor iniciou sua ida à campo subsidiado pelos preceitos metodológicos da observação participante, com o objetivo de “estreitar vínculos e participar mais intensamente do cotidiano pedagógico da turma, de forma que as crianças pudessem interagir com menos receio, afinal, “o Breno” deveria fazer parte do grupo” (p. 34). À despeito disso, destaca-se o quão desafiador é este lugar de observador-pesquisador nas trocas com as crianças e com a docente efetiva do grupo investigado. Para que aconteça esta simbiose entre Eu

(pesquisador/a) e Outro/a (criança) requer um diálogo com as singularidades das culturas das infâncias, o que faz do ato de pesquisar complexo e prazeroso (REIS, 2021). Para o autor, essa interação lúdica significativa entre eu-outros/as torna-se o subsídio necessário à realização da pesquisa-participante na qual o/a pesquisador/a exerce seu papel analítico, ao mesmo tempo em que desenvolve uma intervenção, um projeto ou produz algo com as crianças.

Como alicerce central das estratégias de pesquisa-participante-brincante com crianças, o ambiente de jogo (envolto de ludicidade, subjetividade, imaginação, representação, simbolismo) possibilita ao adulto transformar-se hibridamente em observador/participante, ou, melhor dizendo, observador-brincante (REIS, 2021). Em outras palavras, o brincar entre adultos e crianças no ambiente investigativo, ao integrar os corpos à cultura lúdica, acaba favorecendo ainda mais os processos de aproximação e socialização no campo.

A mencionada relação corpo/cultura também veio à baila no trabalho apresentado por Lucas Barbosa (2017), ao problematizar as representações e a produção de processos de subjetivação sobre os corpos de mulheres em artefatos culturais⁸ humorísticos. Neste caso, o pesquisador coloca em cheque como as desigualdades de gênero são significadas e fabricadas pelos processos culturais mais sutis, ou seja, em charges, cartuns e tirinhas de humor. Esta questão, que também perpassa outros trabalhos, é encetada por Silvana Vilodre Goellner (2010), quando a autora afirmou que não podemos pensar nosso corpo isoladamente, pois “ele é educado por meio de um processo contínuo e minucioso, cuja ação vem conformando formas de ser, de parecer e de se comportar” (p. 74). Portanto, pensar nas representações de masculinidades e feminilidades em textos humorísticos, como as trazidas por Barbosa (2017), propõe-nos debater quais corpos podemos ter? Aqueles corpos que são desejáveis pela norma? Ou aqueles que ferem o seu domínio e passam a ser indesejáveis? Assim, logo vamos criando os modelos estereotipados de corpos masculinos, femininos e todos os outros que não se se enquadram, por sua vez, sofrendo as consequências dos mecanismos de violência, subjugação e exclusão.

⁸ “São, por conseguinte, músicas, *videoclipes*, charges, revistas, propagandas, jornais, filmes, programas televisivos e radiofônicos, redes sociais, entre outras produções, às quais inseridas em determinados contextos culturais, circulam e produzem significados interpelando os sujeitos que as acessam e possibilitando múltiplas formas de entendimento sobre os modos de viver na contemporaneidade” (AMARAL; CASEIRA; MAGALHÃES, 2017, p. 126).

Ao interpretar as unidades discursivas presentes nos artefatos culturais em sua dissertação, Barbosa (2017) identificou a tensão entre a relação eu/outro na esfera relacional entre o gênero feminino e o masculino. Conforme o autor:

Em nossa cultura ocidental machista e excludente as mulheres são vistas e representadas em inúmeros espaços como meros objetos de prazer sexual. A existência delas teria um único sentido e propósito: servir sexualmente e eroticamente os homens, como se nada mais nelas fosse necessário, como se nada mais interessasse. Muitas delas, que por muito tempo foram proibidas de sentir desejo, se veem desrespeitadas e agredidas por este processo de objetificação que é histórico e que tem raízes bem profundas. Criamos e alimentamos constantemente espaços para que este processo se naturalizasse: televisão, campanhas publicitárias, propagandas, programas, anúncios e textos humorísticos, inclusive (BARBOSA, 2017, p. 63).

Cabe anotarmos que sobre os corpos femininos e masculinos incidem significados e expectativas em torno da erotização, uma vez que eles são históricos e culturais. “As mulheres particularmente são lidas como sexualmente disponíveis - dependendo do modo como se vestem ou se comportam - e proliferam-se ao nosso redor enunciações que reforçam esta representação que é arbitrária e absolutamente questionável” (BARBOSA, 2017, p. 64). Para o autor, a forma corporal feminina funciona como um verdadeiro despertador para a libido masculina, razão pela qual constatamos empiricamente o crescente aumento das violências contra mulheres no Brasil de hoje (NATIVIDADE, 2020). Nas ranhuras entre eu (homem)/outra (mulher), facilmente constatamos que sobre os homens também recaem representações e são produzidos discursos enviesados, “mas é preciso fazer uma distinção fundamental entre o que tem acontecido no processo de objetificação feminina e masculina, se é que existe de fato um processo estrutural, cultural e generalizado de objetificação masculina” (BARBOSA, 2017, p.64). Nesse sentido, o autor lembra que durante muito tempo as mulheres não podiam sentir atração pelo sexo oposto, agora, se estamos ou não diante de uma objetificação do homem, inegavelmente que a estruturação desse aspecto como fenômeno social foi se constituído diferentemente em relação ao corpo feminino, inclusive com desdobramentos absolutamente díspares.

Por intermédio da análise das enunciações presentes nos textos humorísticos, Barbosa (2017) considerou tais artefatos analisados como formas linguísticas de produção imersos no interior da lógica saber-poder-verdade (FOUCAULT, 1988). Deste

modo, a linguagem ocupa um lugar no qual a normalização dos corpos fabrica muitos efeitos, por exemplo, como os apontados por Goellner (2010, p. 80) ao se referir que ela é “uma forma de expressar atitudes preconceituosas, pois pode suscitar indicativos que fortalecem o preconceito no que diz respeito às questões de gênero, raça, sexo, entre outras”.

Lembramos que a linguagem produzida no discurso, como indica Michel Foucault (2008), implica consideramos que “não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar” (FOUCAULT, 2019, p. 30). Há todo um conjunto de técnicas, signos e representações que reforçam determinados padrões de enquadramento, ao mesmo tempo em que excluem outros modos de ser. Os artefatos culturais (re)produzem os discursos que normatizam os corpos, gêneros e as sexualidades, tanto ao mostrar a “normalidade” de determinadas relações quanto ao ignorar, silenciar formas outras divergentes da norma.

Importante destacar que nessa perspectiva teórico-metodológica que adotamos, a sexualidade é entendida como um dispositivo histórico (FOUCAULT, 2019, p 116). Dispositivo esse “tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de um modo cada vez mais global”. Os discursos veiculados nos artefatos culturais humorísticos (BARBOSA, 2017) destacam-se por corroborar determinadas práticas, naturalizando-as e tomando-as como regra, sobretudo no que tange os corpos masculinos e femininos.

Em uma sociedade midiática e conectada como a que vivemos hoje, é difícil imaginar que existam sujeitos imunes aos discursos veiculados nos artefatos culturais, pois vivemos imersos em um oceano de mídias, digitais ou não, que perpassam a cotidianidade das pessoas. Assim, tal construção discursiva (tanto a falada quanto a silenciada) termina sendo normalizada pela reprodução contínua de suas práticas na vida, interferindo em nossa existência.

Assim, cabe pensarmos em provocar descontinuidades nestas construções discursivas e tensionarmos a hierarquia eu-outro, projetando uma relação eu e outro que não homogeneíze os seres humanos, mas que possa ter na diferença e na multiplicidade seus modos de ser e fazer no mundo. Em última instância, que este ser da norma, do eu, do sempre igual, transforme-se em devir, sempre outro, diferente. Foi pensando assim que quisemos, ao propormos as (des)continuidades, os fluxos e as poéticas, buscar as

experimentações, os entre-lugares e os labirintos para (re)construir novos desenhos metodológicos, outras rotas, outros caminhos.

(Des)continuando a viagem: paragens para as conclusões finais.

Para obter sucesso – ou seja, retomar o labirinto e se perder nele – “os nomes de ruas devem falar ao andarilho urbano como o estalar de galhos secos, e as pequenas ruas no coração da cidade devem refletir as horas do dia... tão claramente quanto um vale entre as montanhas” (INGOLD, 2015, p. 36). Trata-se de uma arte, admite Benjamin (apud INGOLD, 2015), que ele perdeu na infância e só veio retomar no fim da vida.

A imagem do andarilho, trazida por Benjamin, nos ajuda a refletir como foi esse caminhar por rotas que se abriam no horizonte da propositura do Eixo temático e da construção desse texto. Fomos descobrindo as pesquisas-labirinto que aqui narramos as quais, mais se mostraram a nós do que nós as procuramos. Fomos buscando os “estalares de galhos secos”, aqueles sinais, os sentidos que fomos atribuindo aos percursos e percalços na produção coletiva desta andança, que foi este texto. Não fizemos paradas, afinal, o andarilho não as possui, ele faz paragens, descontinua suas viagens, mas não as cessa. E deste modo, buscamos frestas com o Eixo Temático, rachaduras que pareciam, por vezes, impenetráveis, mas exercitamos nossa escuta porque queríamos pensar o outro, o diferente, o múltiplo.

Pensamos juntamente com as/os andarilhos/as de nosso Eixo, significados que se “estalavam” no ar e criavam um caminho para pensarmos algo que perpassou, de certo modo, todos os trabalhos que foram apresentados: o olhar do outro e como a dicotomia eu-outro instala uma hierarquia que se estenderá por todo o campo do pensamento ocidental. Eu branco, heterossexual, homem, católico, norte-centrado ditando as regras, as normas que todos outros deverão seguir. Assim, da perspectiva decolonial, principalmente trazida no trabalho sobre o Congado, ao outro medicalizado, reprimido, dissecado. Do olhar taxativo, inquisitivo a outras perspectivas de família, mas essas, já sob o escrutínio normativo. Dos artefatos culturais, das infâncias quisemos traçar as outras formas de pensar metodologicamente que contestam o saber como apenas sendo produzido no norte do mundo. A hierarquia eu-outro é contestada aqui na figura do vale, anteriormente citado, como este que está nos entre-lugares. O outro se mostrou para nós, não fomos até ele com algo pronto, mas entramos no caminho e depois construímos as rotas. Territorializamos as produções pós-críticas que buscaram outras poéticas de um

fazer científico que se importa mais com o caminho do que com o resultado. Buscamos por sinais, por estalares de galhos, por frestas, por pontos que se ligam e constroem linhas.

Referências

ALMEIDA, B. A. **O que provoca o encontro das crianças com as artes na educação infantil?** Essa é fácil Breno, a gente é tudo diferente! 2020. 171 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2020.

AMARAL, C; CASEIRA, F; MAGALHÃES, J. Artefatos culturais: pensando algumas potencialidades para discussão dos corpos, gêneros e sexualidades. In: RIBEIRO, Paula R. C.; MAGALHÃES, JONALIRA, C. (orgs.) **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande, RS, Ed. da FURG, 2017. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/7097>. Acesso em: 11 fev. 2021.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando: introdução à filosofia**. 6 ed. São Paulo: Editora Moderna, 2016.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

BARBOSA, L. A. L. **Identidades em (des)construção: problematizando representações femininas e masculinas em charges, cartuns e tirinhas**. 2017. 112 p. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Lavras, 2017.

CLARETO, S. M.; OLIVEIRA, M. E. Experiência e dobra teoria-prática: A questão da formação de professores. In CLARETO, Sônia Maria; FERRARI, Anderson (orgs). **Foucault, Deleuze & Educação**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2010, p. 65-89.

COSTA, A. G; REIS, F. P. G. dos. O lugar das experiências congadeiras na formação de pesquisadores/as no campo educacional. In: Cristina Rezende Eliezer; Alex Junior Bilhoto Faria; Rafael Carlos Lima da Silva. (Org.). **Educação contemporânea: velhos dilemas, novas perspectivas**. 1ed.Cruz Alta: Editora Ilustração, 2020a, v. 1, p. 211-226.

COSTA, A. G; REIS, F. P. G; MONTEIRO, L. N; CARNEIRO, K. T. Dimensões formativas decorrentes da congada em lambari/mg: entre experiência, saberes e ancestralidade. **Devir Educação**, p. 57-84, 2020b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I**. São Paulo: Editora 34, 2011a. 560 p.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197 - 223, novembro/2001.

FOUCAULT, M. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. 175 p. (Coleção Presença).

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. Sobre a História da sexualidade. In: **Microfísica do poder**. 16 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. 297 p

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 291 p.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.

GUSMÃO, N. M. M. Desafios da diversidade na escola. **Revista Mediações**, Londrina, v.5, n,2, p. 9-28, jul./dez, 2000.

INGOLD, T. Dédalu e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015.

KORNATZKI, L. **O dispositivo da família e a constituição de subjetividades em membros de famílias homoparentais**. 2019. 177F. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande/RS, 2019.

MACHADO, R. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 80 p.

NATIVIDADE, M. A. **A temática das violências contra as mulheres na formação continuada de professoras/es**: “Quando eu crescer, quero ser igual ao meu pai [...] É, eu quero fazer com minha esposa a mesma coisa que ele fez com minha mãe, matou ela”. 2020. 125 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2020.

PELÚCIO, L. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos *queer* no Brasil. **Periodicus**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 15-39, maio/out. 2014.

PEREIRA, M. J. A. **Mulheres trans universitárias**: a emergência de políticas públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico. 2020. 196 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Marília/SP, 2020.

REIS, F. P. G. “Eu fico com a pureza das respostas das crianças... É a vida, é bonita e é bonita”: pesquisar-poetizando com as culturas da infância. In: MARTINS, R. X (org). **Metodologia de pesquisa**: orientações com ênfase na área de educação. Lavras-MG: UFLA, 2021 (no prelo).

RESENDE, T. P. **Representações discentes sobre a inserção e permanência de homens no curso de Pedagogia da UFLA**: entre desafios, resistências e rotas alternativas. 2018. 129 p. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Lavras, 2018.

Recebido em fevereiro de 2021.
Aprovado em abril de 2021.